

UMA DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA DE EMOÇÕES

Hugo Rodrigues¹
Fábio Liborio Rocha²

RESUMO: Um dos maiores problemas do estudo das emoções está na baixa concordância entre diferentes achados e teorias. Este estudo argumenta que muito disso é devido a problemas na definição de emoções, que muitas vezes são confundidas com outros conceitos de natureza emocional, os quais, frequentemente, comportam-se de modo diverso do que aquilo algumas áreas vêm chamando de emoções. Busca-se apresentar evidências e propor uma definição focada na natureza episódica, aspectos avaliativos, mudanças psico-cognitiva-fisiológica no organismo e aspecto social da expressão como alguns dos principais atributos do sistema “emoções”, bem como diferenciá-la de outros tais como humores, afetos, sentimentos e temperamentos. Ao final é proposta uma definição de emoção baseada nesses conceitos.

Palavras chaves: Emoção, humor, sentimento, definição constitutiva

A CONSTITUTIVE DEFINITION OF EMOTIONS

ABSTRACT: One of the problems with the study of emotions is the low correlation between different findings. This study argues that much of this is due to problems in the definition of emotions, which are often confused with other concepts of emotional nature, which often behave differently than what other areas have been calling emotions. The aim is to present evidence and propose a definition focused on episodic nature, evaluative aspects, psycho-cognitive-physiological changes and social aspect of expression as some of the key attributes of the system "emotions" and differentiate it from others such as moods, emotions, feelings and moods. At the end of the article is proposed a definition based in those concepts.

Keywords: Emotion, mood, feeling, constitutive definition.

INTRODUÇÃO

O que é uma emoção? Essa pergunta perpassa o surgimento da psicologia e está presente desde os primeiros questionamentos sobre a natureza humana. Questão que mesmo hoje, com os incontáveis estudos, debates e propostas teóricas, continua sem um razoável consenso sobre a natureza desse conceito. Este estudo busca, através da revisão de do corpo teórico recente da psicologia cognitiva propor uma definição constitutiva (conforme definida por PASQUALI, 2007; 2010) que sintetize os principais pontos dos modelos mais utilizados. Passo esse que, de acordo com AVERILL (1994), é implícito

¹Doutorando em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, pela Universidade de Brasília. hugopsi@gmail.com

²Pós Doutor em Psicologia Clínica e Cultura, pela Universidade de Brasília - UnB (orientação pela Dr^a Daniela Chatelard; Professor de Filosofia na UDF (Direito e Psicologia), e na UPIS (Direito). liborio.fabio@gmail.com

na obra de PASQUALI (2007; 2010), é, ou deveria ser, o primeiro a ser realizado numa investigação científica de algo: a busca uma definição detalhada do que se pretende mensurar.

Contudo, no caso das emoções, ainda que o termo ocorra constantemente no uso cotidiano da linguagem, não podem ser observadas e, portanto, são impérvias à mensuração direta. Desse modo, podem ser consideradas como aquilo que PASQUALI (2010) chama de sistema, os quais só podem ser avaliados pelos atributos que os constituem. Essa estratégia traz consigo, necessariamente uma pergunta: quais são os atributos de um sistema? A resposta está na teoria disponível para o construto teórico em questão. Sobretudo, no modo como o conceito alvo é definido.

Geralmente, tal empreendimento, por si só, não é simples ou, muito menos, livre de uma grande extensão de possibilidades. SMITH e KOSSLYN (2009), discutindo sobre o problema das definições na área do estudo das emoções, colocam que uma definição de emoções precisa lidar com dois desafios: (a) ser capaz de capturar toda a experiência emocional e (b) ser objetiva o suficiente para permitir a investigação científica. BARRETT (2006) coloca que as tentativas para responder a esse tipo de questão remontam a Platão e Aristóteles, com centenas de outros autores propondo respostas diferentes para cada uma desses desafios.

Contudo, não há que se dizer que todas as definições propostas são incompatíveis. GENDRON (2010), por exemplo, coloca que o esforço para definir o termo emoção é tão antigo quanto a disciplina da psicologia. Essa autora, comentando uma pesquisa realizada por IZARD (2010), afirma que muitos dos termos e definições utilizados pelos pesquisadores, estão parados no tempo, não avançando e não reconhecendo achados já defendidos no passado. Para ela: a importância de definições menos vagas; a noção da impossibilidade de uma cognição livre de emoções ou destas sem aquelas; a questão das emoções serem multicomponenciais, dentre outros, já foram defendidos, repetidas vezes, por diferentes autores, em diferentes momentos do tempo, mas que não chegam a ser incluídas numa grande definição e/ou operacionalização do conceito. Indicando que, mais do que a proposição de novas definições, o cenário atual clama por unificações e testes dessas teorias.

Tal pesquisa comentada por GENDRON (2010) – IZARD (2010) – buscou identificar as crenças de 35 pesquisadores, representantes de diferentes disciplinas que lidam com a emoção, a respeito da definição, estrutura, ativação, regulação e conexão

com ação e cognição. Um ponto curioso dessa pesquisa é que, de acordo com esse autor, muitos dos entrevistados apresentaram alguma relutância para responder ao que é uma emoção. Dentre os que o fizeram, de acordo com as análises do autor, não houve muita concordância entre as definições. Contudo, ainda que paradoxal, apesar dos entrevistados não concordarem quanto à definição de emoção, ou mesmo sintam-se seguros para propor alguma, eles apresentam uma certa concordância quanto à função, ativação e regulação de emoções. Ou seja: mesmo não concordando sobre o que é, parece haver alguma concordância sobre alguns aspectos de funcionamento e efeito.

Várias teorias e modelos psicológicos se apoiam na noção de emoção de alguma maneira, mesmo assim, poucos arriscam a defini-las, delimitá-las de modo a permitir a diferenciação e mesmo uma mensuração adequada. Elementos fundamentais em qualquer investigação psicológica. Esse problema não se restringe à psicologia. BARRETT (2006) identificou estudos e teorias de emoção em áreas tais como: neurociências, filosofia, ciência da computação, sociologia, economia, antropologia, dentre outras. Todas estudam algo chamando emoção, ainda que não concordem exatamente o que isso seja. Mesmo assim, o termo continua sendo amplamente utilizado. Mesmo entre aqueles que realizam tal tentativa, muitas vezes tão genéricas, que torna difícil a comparação entre teorias e achados. Comentando sobre o escopo das definições, SMITH e KOSSLYN (2009) colocam que, geralmente, o termo emoção refere-se a: *“Uma gama de processos físicos e mentais, que incluem aspectos da experiência subjetiva, avaliação, motivação e respostas corporais tais como excitação e expressões faciais”*.

Contudo, tal definição é tão ampla e genérica que pode ser utilizada para descrever a existência como um todo. O mesmo ocorre com a definição oferecida por GROSS e BARRETT (2011) que coloca o termo emoção referindo-se a: *“Uma coleção de estados psicológicos, incluindo a experiência subjetiva e o comportamento expressivo (e.g. facial, corporal, verbal), e a resposta fisiológica periférica (e.g. ritmo cardíaco, respiração)”*. O problema dessas definições é que elas buscam capturar diferentes modelos numa única frase, uma espécie de conceito “guarda-chuva” que, ao tentar explicar tudo, acaba por não conseguir explicar nada. Desse modo, ao invés de tentar buscar uma única definição que aborde toda a experiência emocional-afetiva. Este trabalho, ao invés de tentar construir uma definição única, tentará propor um recorte desse deste fenômeno. Desse modo, este trabalho, necessariamente, não irá se aprofundar em aspectos de outros conceitos de natureza afetiva, tais como humores, afetos, temperamento e sentimentos, restringindo-

se a diferenciá-los das definições proposta, com o intuito de facilitar a construção de uma rede nomológica.

UMA DEFINIÇÃO DE EMOÇÃO

Para iniciar a construção, serão utilizadas, em conjunto, as orientações de dois autores. Primeiramente está EKMAN (1994) que sugere que uma definição de emoções precisa focar-se em quatro grandes pontos: (a) o que a inicia; (b) o que ela causa ao organismo; (c) qual a relação com o ambiente; (d) quais respostas elicia. Em segundo, mas igualmente importante e complementar, estão as orientações de MULLIGAN e SCHERER (2012), que colocam que uma emoção só o será se: (e) for um episódio afetivo; (f) causar mudanças no organismo; (g) for dirigida a um objeto; (h) conter um mecanismo perceptivo (i) a relação com o objeto é herdada do mecanismo perceptivo (j) é acionada por, pelo menos, um mecanismo avaliativo (k) é guiada por pelo menos um mecanismo avaliativo.

Com isso em mente, um ponto importante é o que SCHERER (2000) e MULLIGAN e SCHERER (2012) chamam da natureza episódica da emoção. Este e diversos outros autores, vem colocando a importância de que aquilo que chamamos de emoção ser uma resposta a uma variação percebida do ambiente, em função de diversos mecanismos avaliativos (e.g. EKMAN, 1994, 2006, 2007; SMITH & KOSSLYN, 2009; SCHERER, 1994; TOOBY & COSMIDES, 2008, MATSUMOTO, 2009 dentre outros). A ideia fundamental é que algum evento; seja externo, tal como o comportamento dos outros, encontro com um novo estímulo, alteração de uma situação, seja interno, como por exemplo: memórias, imaginação, etc.; ativaria uma mudança no funcionamento do organismo. A qual teria uma duração qualquer, ainda rápida, e reduziria de intensidade até mais ou menos desaparecer (SCHERER, 2000) e teria como origem a ativação de um determinado mecanismo, o qual pode, ou não, ser percebido pelo organismo, mas que, mesmo assim tem o potencial de modificação o organismo (MATSUMOTO, 2009; EKMAN, 2006, 2007; TOOBY & COSMIDES, 2008; MULLIGAN & SCHERER, 2012).

Uma vez ativadas, TOOBY e COSMIDES (2008) colocam que essas mudanças preparariam o organismo para a produção de diferentes respostas, evolutivamente selecionadas, de modo automático. Uma posição compartilhada por outros autores (eg.

EKMAN, 2006; MATSUMOTO, HWANG & FRANK, 2012; SMITH & KOSSLYN, 2012; ELLSWORTH & SCHERER, 2003 etc.). Um ponto importante desses posicionamentos é que, sob essa ótica, diferentes emoções só seriam eliciadas por uma classe de eventos específicos. EKMAN, (1994) os chamam de temas. Para diversos autores (e.g. TOOBY & COSMIDES, 2008; EKMAN 2006, 2007), tais elementos são capazes de eliciar emoções específicas, em função da evolução de modos de processamento de informação, que levariam a diferentes respostas fisiológicas, cognitivas e comportamentais. Por exemplo: na maioria das culturas ocidentais, a morte de um filho leva à experiência de perda e isso (perda) seria um dos temas eliciadores de tristeza, assim como o roubo de um carro, uma demissão, ou, até mesmo, a perda da beleza e juventude (EKMAN, 2007). Claro, não há que se dizer que a intensidade da experiência será a mesma em todos esses exemplos, nem que tristeza seria a única emoção eliciada. A importância está na classe de estímulos.

Um ponto importante que precisa ser levantado está com relação à universalidade desse processo. De acordo com EKMAN (1994, 2006, 2007), há universalidade com relação aos temas, mas não com relação aos eventos que os integram. Por exemplo, esse autor cita que em algumas culturas, geralmente assoladas por fome e guerras, a morte de um recém-nascido não eliciaria uma emoção de tristeza. O tema perda só ocorreria se a criança atingisse alguns meses, ou mesmo anos, de idade. Esses temas, uma vez eliciados, levariam ao que SCHERER (2000) chama de: *“Episódios de mudanças coordenadas em diversos componentes (incluindo, pelo menos, ativação neurofisiológica, expressão motora, sensação subjetiva; além de tendência a ação e mudança no processamento cognitivo), em resposta a eventos internos ou externos de maior significância para o organismo”*. Desse modo, ao modificar a experiência, além de preparar para a ação, as emoções teriam um grande papel naquilo que chamamos de motivação (EKMAN, 2007), guiando a aquilo que move a ação humana em diferentes contextos, além de indicar alvos e limitar o acesso a opções (FORGAS 1995).

Ao decidir por considerar emoções como um episódio e não como valência afetiva geral, busca-se afastar a noção de emoção da ideia de atitude, preferência, humor ou estado. O foco está na reação do indivíduo do indivíduo ao ambiente e como isso muda as respostas cognitivas, expressivas, fisiológicas e comportamentais. Tais mudanças, como já colocado, não são duradouras e tendem a ter uma duração específica para apenas a “resolução do problema” percebido no ambiente (EKMAN, 2006; 2007). Esse recorte

permite isolar melhor o fenômeno e diferenciá-lo dos demais conceitos de natureza emocional.

Isso traz um outro ponto importante para, no contexto deste estudo, uma definição de emoção. Além de preparar o organismo para a ação, emoções, a expressão facial delas, tem a função de comunicar aos outros os estados mentais de um indivíduo (MACKAY, 1999; EKMAN & FRIESEN, 2003; EKMAN, 2006, 2007; CHEVALIER-SKOLNIKOFF, 2006; KELTNER & HAIDT, 1999). CALKINS e HILLS (2009) colocam que a expressão da reação emocional, bem como o controle e reconhecimento dessa expressão, são poderosos mediadores de tanto os relacionamentos interpessoais, quanto do ajustamento sócio emocional durante toda a vida de um indivíduo. Sobre isso, KELTNER e HAIDT (1999) colocam que a emoção pode atuar e, portanto, ser estudada, em quatro níveis. O primeiro é o individual. Aqui, como já colocado, a emoção prepara o organismo para lidar com as mudanças do ambiente, através das mudanças coordenadas nos diferentes sistemas já citados.

O segundo, no nível da díade, a emoção tem a função de fornecer sentido à interação entre os pares. O tom de voz, os movimentos corporais, as expressões faciais servem para clarificar o que está sendo comunicado, bem como a reação do indivíduo à mensagem, facilitando a coordenação da interação. Por exemplo, durante uma conversa qualquer, em função da reação facial do receptor, um emissor que estiver atento a esse canal, pode decidir continuar num determinado assunto/solicitação, ou desistir, podendo mudar de assunto ou até mesmo abandonar a interação.

O terceiro nível seria o grupal. Aqui o foco é como a expressão das emoções pode ajudar os membros dos grupos (i.e., famílias, clubes, grupos de trabalho) a atingirem seus objetivos (macros ou micros). A grande diferença desse nível para o nível da díade é a questão da possibilidade de maioria/minoria, que não ocorre naquele tipo de interação. O foco aqui está não só em como os indivíduos regulam a interação em função do que foi expresso, mas, também, as forças motivacionais operando em função da conformidade às normas de expressão, bem como os mecanismos utilizados pelos não-conformados e as consequências associadas a esse comportamento.

Há também o estudo de emoções que só ocorreriam nesses dois níveis de análise. Por exemplo: simpatia, orgulho, vergonha, e até mesmo alguns tipos de alegria e risadas, em função das relações de poder que existem nas interações diádicas e grupais; além do papel das emoções (e da expressão dessas) da formação e manutenção dos laços dentro

do grupo (KELTNER & HAIDT, 1999). Não à toa, por causa desse tipo de estudo, há os autores que colocam que o fenômeno das emoções é de natureza predominantemente social.

No quarto nível está o nível cultural, emoções moldam e são moldadas por fatores históricos, culturais e econômicos. Seja na expressão, seja na própria construção de um tema. Um exemplo disso é o trabalho de MATSUMOTO, HWANG e FRANK (2012). Esses autores verificaram que os discursos de líderes de grupos específicos predispueram os membros a terem respostas agressivas a determinados elementos. A própria noção de amor romântico é sensível ao grupo e ao momento histórico (BEALL & STERNBERG, 1995).

UMA DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA DE EMOÇÕES

Assim, o presente trabalho considera emoções como: sistemas ágeis de processamento de informação, que auxiliam o indivíduo a iniciar ações evolutivamente selecionadas; com um mínimo de controle consciente, de modo imediato, involuntário, transitório e rápido; em função da avaliação/reconhecimento de uma variação no ambiente que tenha implicações para o bem-estar do organismo e requeiram uma resposta imediata e episódica, que surge da modificação da cognição, fisiologia, respostas motoras e comportamentais do indivíduo; sendo as mudanças nas expressões faciais as mais visíveis. Trata-se de uma das principais fontes de motivação do comportamento humano, atuando em quatro níveis: (1) individual, informando sobre a importância dos eventos e preparando, física e mentalmente para a ação; (2) diádico, facilitando a comunicação e proporcionando uma estrutura para a interação entre os indivíduos; (3) grupal, facilitando conjunto de indivíduos a alcançar objetivos comuns, através da promoção de identidade e filiação ao endogrupo, solidificando as fronteiras do grupo; e (4) cultural, onde emoções perpetuam e são perpetuadas pelas normas e práticas de grandes grupos de pessoas que compartilhem ideias, comportamentos, atitudes ou tradições similares. Sendo o controle dessas expressões uma das principais maneiras de manipular a interação, em todos esses níveis. A Tabela 1, resume esses pontos indicando os principais autores que os defendem.

Propriedade associada com a noção de emoções	Principais autores
- Sistemas de processamento de informação ágeis que auxiliam o indivíduo a iniciar uma ação com um mínimo de controle consciente	TOOBY e COSMIDES (2008)

Propriedade associada com a noção de emoções	Principais autores
- Capacidade de eliciar de respostas evolutivamente selecionadas em aspectos cognitivos, fisiológicos, motores e comportamentais, sendo as mudanças na face o aspecto mais visível. Ainda que nem sempre adequadas para o contexto social atual.	EKMAN (2006; 2007)
- Capacidade de eliciar respostas de modo imediato, inconsciente, involuntário, transitório e rápido; resultado da avaliação/reconhecimento de uma variação no ambiente que tenha implicações para o bem-estar do organismo e requerem uma resposta imediata e episódica	ELLSWORT H e SCHERER (2003)
- Trata-se de uma das principais fontes de motivação do comportamento humano, - A expressão pode ser utilizada para controlar o comportamento de outros e de grupos.	MATSUMOTO, HWANG e FRANK (2012)
- Atuam em quatro níveis: (1) individual, informando sobre a importância dos eventos e preparando, física e mentalmente para a ação; (2) diádico, facilitando a comunicação e proporcionando uma estrutura para a interação entre os indivíduos; (3) grupal, facilitando conjunto de indivíduos a alcançar objetivos comuns, através da promoção de identidade e filiação ao endogrupo, solidificando as fronteiras do grupo; e (4) cultural, onde emoções perpetuam e são perpetuadas pelas normas e práticas de grandes grupos de pessoas que compartilhem ideias, comportamentos, atitudes ou tradições similares.	KELTNER e HAIDT (1999)

Tabela 1 – Principais dimensões da definição de emoções utilizada neste trabalho

Tal descrição é o que PASQUALI (2007, 2010) considera como uma definição constitutiva de um conceito. É uma delimitação teórica que indica quais são os atributos que constituem o sistema, neste caso, emoções. Ser uma resposta episódica, mudar o processamento de informações, facilitar/inibir determinadas respostas/pensamentos, preparar os organismos para essas ações, a natureza social-interacional, são os atributos propostos por essa definição. Os quais ainda carecem de ser operacionalizados e propriamente mensurados. Contudo, como colocado por WIERZBICKA (2012), existem outros termos utilizados para lidar com esse fenômeno, tais como, humor, temperamento, sentimentos e afetos; os quais, muitas vezes, são utilizados de modo intercambiável. Por isso, ainda que definições negativas não sejam o modo mais adequado para a delimitação de um conceito (i.e., definir o que uma emoção em função do que ela não é), em função dessa confusão, neste caso, faz-se necessário, para uma maior delimitação do conceito, fazer uso dessa estratégia. Bem como propor os fundamentos iniciais de uma construção de uma rede nomotética, que permitirá a verificação de diferentes medidas que possam derivar da definição proposta, com vias a propor um instrumento de medida válido.

Começamos com a diferenciação de emoção e humor. Este, diferencia-se de emoção principalmente em função da natureza mais cognitiva desse construto, ligado a vieses durante o julgamento de informações (FORGAS, 1995), além de uma maior duração (EKMAN, 2007). Uma emoção, como já colocado, é uma resposta episódica, dura segundos, já um humor pode durar meses e não possuem uma expressão facial associada (EKMAN, 2007).

DAVIDSON (1994) coloca que o humor teria a função de alterar as prioridades no processamento de informação, acentuando, ou atenuando, a acessibilidade a determinados conteúdos e redes semânticas. Alterando – por exemplo, conforme (RODRIGUES, 2007) – a formação da atitude que um indivíduo pode ter quanto a um objeto qualquer, fornecendo a tal “relativa estabilidade” que a maioria das definições sobre atitude enfatiza, uma vez que elas dependem – de acordo com AJZEN (2005; 2001) –, das crenças que as pessoas conseguem lembrar num determinado momento e do julgamento afetivo realizado. Há evidências também (DAVIDSON, 1994; FORGAS, 1995) que o humor alteraria não só o processamento, através de seleção de conteúdo, como, também, levaria a modos diferentes de processamento de informação (maior ou menor flexibilidade, dependendo do contexto). DAVIDSON (1994) ressalta a importância evolutiva desse tipo de processamento, mas que – como colocado por BECK (2013) pode levar a cognições disfuncionais (e.g. pensamento catastrófico). Numa última análise, o humor estaria sempre presente e a emoção seria a reação a algo (DAVIDSON, 1994). Acrescenta-se que, conforme explicitado por DAVIDSON (1994), a exposição a recorrentes pequenas emoções (e.g. várias interações ruins num intervalo curto de tempo) pode levar a mudanças no humor. Contudo, a despeito de outras covariações que essas variáveis possam ter, um aprofundamento maior nessa diferenciação vai além dos objetivos desse trabalho cujo foco é são as emoções. Desse modo, para este trabalho, o foco dessa diferenciação, no caso dessas duas variáveis, está na consideração de que humor está ligado mais a uma espécie de estilo de processamento de informação e que não gera as mesmas respostas psico-sócio-motoras que emoções. Embora seja interessante citar que humor pode influenciar a probabilidade de uma determinada emoção ser ou não eliciada e em qual intensidade, em função do fato dele alterar as cognições e – consequentemente – percepções das mudanças no ambiente.

Outro conceito, mais comumente utilizado em algumas escolas da psicologia clínica, no senso comum, é a noção de temperamento. DAVIDSON (1994) afirma que

esse conceito, por muitas vezes definido como espécie de traço de personalidade, seria o responsável por todo o tipo de diferenças individuais que modulem a resposta de uma pessoa a eventos emocionais. Considerados como consistentes no tempo, diferencia-se de humor por este decorrer do resultado de eventos – mesmo que de difícil identificação – enquanto aquele ser o resultado cumulativo do histórico de vida, com – inclusive – hipóteses de origem genética. Tratar-se-ia de uma espécie de humor preferencial do indivíduo e, portanto, teria efeitos similares no organismo e na percepção dos temas eliciadores de emoção.

Há, também, a noção de sentimento, talvez o conceito mais confundido com emoções, uma vez que é o resultado da nomeação do fenômeno emoção. EKMAN (2007) aponta que estes são o resultado perceptivo do que estamos sentindo. Raiva, medo, alegria, ou qualquer outro rótulo verbal são invenções que damos a estados mentais suficientemente diferentes aos quais conseguimos distinguir e – numa perspectiva linguística – participam da nossa interação com o ambiente e por isso precisariam de um nome. Considerando que sentimentos podem ser entendidos como o resultado da nomeação sobre como o indivíduo se percebe naquele momento (EKMAN, 2007). Como apontado por WISEMAN (2013), essa categorização pode gerar os mesmos efeitos internos de uma emoção, assim como o comportamento expressivo. Portanto, é possível imaginar que, assim como a expressão da emoção possa ser influenciada pela identificação com um grupo, a percepção dos sinais que indicariam a emoção também será influenciada, podendo gerar uma nomeação condizente com o grupo e posterior regulação da emoção e da resposta, nessa direção, mesmo que fora do controle consciente. Sendo, então, o processo de nomeação da emoção um aspecto relevante a ser levado em consideração no método desse trabalho.

O afeto estaria ligado com a direção (sinal) da resposta afetiva, geralmente referido como positivo, negativo ou neutro (EKMAN, 2006). Abre-se um parêntese aqui para apontar algo importante. Tal nomenclatura não reflete – necessariamente – o dano ao organismo que uma emoção pode ter, mas sim a mudança de sinal, numa perspectiva hedonista, ou utilitária em função do contexto. A Tabela 02 apresenta o resumo das principais diferenças entre esses termos e a noção de emoção utilizada neste trabalho.

Outros conceitos de natureza emocional	Principal diferença de emoções
Humor	- foco no estilo de processamento de informações (FORGAS, 1995; EKMAN, 2003; DAVIDSON, 1994). - sem um padrão de respostas fisionômicas (EKMAN, 2007)
Temperamento	- traço de personalidade (DAVIDSON, 1994)
Sentimento	- processo do resultado da auto-categorização da sensação emocional: nome dado à emoção sentida (EKMAN, 2007)
Afeto	- valência associada com a emoção sentida (EKMAN 2007, DAVIDSON, 1994).

Tabela 2 - Principal diferença de outros termos de natureza emocional com a noção de emoções utilizada neste trabalho.

Desse modo, conforme posicionamento adotado, enquanto emoções teriam um caráter mais episódico, capaz de guiar, automaticamente, diversos tipos de respostas e estados internos, humores estariam ligados mais a estilos de processamento, enquanto sentimentos e afeto estão mais ligados à experiência subjetiva do fenômeno, com o primeiro mais focado no nome e o segundo mais focado no sinal/intensidade. Cabe ressaltar que, como colocado, ainda que se espere uma correlação entre esses fenômenos, ela não deve ocorrer em todas as situações. Pessoas mal-humoradas são capazes de experimentar emoções positivas durante a duração desse humor. Erros de nomeação da própria emoção e da expressa pelos outros tendem a ocorrer por diversas razões.

CONCLUSÃO

MATSUMOTO (2009) coloca que a maior parte das discussões sobre os achados e teorias sobre emoções é por que os diferentes autores, muitas vezes, estariam discutindo sobre coisas diferentes, mas com o mesmo rótulo. Desse modo, a delimitação de definições, especificação dos conceitos é fundamental para o avanço da ciência psicológica no que se refere, principalmente, ao estudo das emoções. Este trabalho buscou apresentar uma definição constitutiva para o conceito emoções. Obviamente, trata-se de uma tentativa inicial sujeita a críticas sugestões necessárias ao avanço da ciência

psicológica. Trata-se de um primeiro passo. Há, agora, a necessidade de testar as relações propostas, bem como suas consistências internas e validade empírica e ecológica. Como já apontado por GENDRON (2010), esse trabalho não trouxe grandes novidades. Ao contrário, tenta consolidar temas já apontados como essenciais para um contexto mais definido. Busca, principalmente, propor fronteiras para até onde pode-se utilizar a noção de emoção, em detrimento de outros fenômenos, para a explicação do comportamento e pensamento humano.

Trata-se sem dúvida, de um trabalho em andamento. Passível a muitos ajustes e evoluções. Emoções fazem parte do uso corrente da linguagem dentro e fora do meio acadêmico e são associadas com praticamente tudo ligado à natureza humana, ainda que apenas como rótulo verbal. Dessa forma, acaba-se gerando confusão entre o fenômeno e seus efeitos, dificultando a comparação entre achados e teorias. Este trabalho buscou, ao indicar essas linhas gerais, propor além de limites para a mensuração do conceito, aprofundar a discussão sobre o que compõem a natureza emocional e quais são os pontos que devem ser levantados. Outros, muitos, são necessários. Clarificando semelhanças e incompatibilidades entre escolas e fenômenos observados. Só então será possível uma maior discussão sobre o conceito e, então, um real avanço no entendimento do fenômeno emoções.

REFERÊNCIAS

- AJZEN, I. The nature and operations of the Attitudes. **Annual Review of Psychology**, n. 52, v.1, p. 27-58, 2001.
- AJZEN, I. **Attitudes, personality and behavior**. Berkshire, England: Open University Press. 2005, 192p.
- AVERILL J. R. Emotion Are Many Splendoral Things. In P. EKMAN & R. J. DAVIDSON (Eds.), **The Nature Of Emotion**. New York, NY: Oxford University Press. 1994. p. 99-102.
- BARRETT, L. F. Are emotions natural kinds?. **Perspectives on psychological science**, n. 1, v.1, p. 28-59. 2006.
- BEALL, A. E., STERNBERG, J. The social construction of love. **Journal of Social and Personal Relationships**, n. 12, v. 3, p. 417-438, 1995.

- BECK, J. S. **Terapia cognitiva: teoria e prática**. Porto Alegre: Artes Médicas. 2013, 414p.
- CALKINS, S., HILL, A. Caregivers influences on Emerging Emotion Regulation: Biological and environmental transactions in early development. In J. J. GROSS (Eds). **Handbook of Emotion Regulation**. Nova York: The Guilford Press. 2009, p. 229-248
- CHEVALIER-SKOLNIKOFF, S. Facial Expressions in Nonhuman Primates. In P. EKMAN (Ed.), **Darwin And Facial Expression: A Century Of Research In Review**. Los Altos, CA: Malor Books. 2006, P. 11-90
- DAVIDSON, R. J. On Emotion, Mood, and Related Affective Constructs. In P. EKMAN, R. J. DAVIDSON (Eds). **The Nature of Emotion: Fundamental Questions**. Oxford: Oxford University Press. 1994, p. 51-54.
- EKMAN, P. & FRIESEN, W. V. **Unmasking the Face: A guide to recognizing emotions from facial expressions**. Cambridge: Malor. 2003. 212P.
- EKMAN, P. All emotions are basic. In P. EKMAN, R. J. DAVIDSON (Eds). **The Nature of Emotion: Fundamental Questions**, (pp 15-19). Oxford: Oxford University Press. 1994, p. 15-19
- EKMAN, P. **Emotions Revealed: Recognizing Faces And Feelings To Improve Communication And Emotional Life**. New York, NY: Holt Paperbacks. 2007, 290p.
- EKMAN, P. Cross-Cultural Studies Of Facial Expression. In P. EKMAN (Ed.), **Darwin And Facial Expression: A Century Of Research In Review**. Los Altos, CA: Malor Books. 2006, p. 169-222
- ELLSWORTH, P.C., & SCHERER, K. Appraisal processes in emotion. In R.J. DAVIDSON, K.R. SCHERER, & H.H. Goldsmith (Eds.), **Handbook of affective sciences**. New York, NY: Oxford University Press. 2003, p. 572-595
- FORGAS, J. P. Mood and judgment: the affect infusion model (AIM). **Psychological Bulletin**, v. 117, n. 1, p. 39-66, 1995.
- GENDRON, M. (Defining Emotion: A Brief History. **Emotion Review**, n. 2, v. 4, p. 371-372. 2010.
- GROSS, J. J. & BARRETT, L. F. Emotion Generation and Emotion regulation: One or Two Depends on Your Point of View. **Emotion Review**, n. 3, v. 1, p. 8-16. 2011.
- IZARD, C. E. The Many meanings/aspects of emotions: Definitions, functions, activations and regulation. **Emotion Review**, n. 2, v. 4, p. 363-370. 2010.

- KELTNER, D., & HAIDT, J. Social functions of emotions at four levels of analysis. **Cognition and Emotion**, n. 13, v. 2, p. 505-521. 1999
- MACKAY, D. M. Formal Analysis Of Communicative Processes. In R. A. Hinde (Ed.), **Non-Verbal Communication**. Cambridge, MA: Cambridge University Press. 1999, p. 3-26.
- MATSUMOTO, D. Culture and emotional Expression. In R. S. Wyer, C. Chiu, Y. Hong (Eds). **Undertanding Culture: Theory, Research, and aplication**. Nova York, NY: Psychology Press. 2009, p. 263-279.
- MATSUMOTO, D., HWANG, H. C., FRANK, M. Emotions expressed in speeches by leaders of ideologically motivated groups predict aggression. **Behavioral sciences of terrorism and political aggression**, n. 1, v. 1, p.1-18. 2012.
- MULLIGAN, K., SCHERER, K. R. Toward a Working Definition of Emotion. **Emotion Review**, n. 4, v. 4, p. 345-357. 2012
- PASQUALI, L. Validade dos testes psicológicos: Será possível reencontrar o caminhos?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, n. 23, v.4, p. 99-107. 2007.
- PASQUALI, L. A medida psicométrica. In L. PASQUALI & Cols. **Instrumentação psicológica**. Porto Alegre: ArtMed. 2010, 104-115.
- RODRIGUES, H. **A Formação da Intenção em Duas Culturas: Um Estudo Com o Turismo de Aventura**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília: Brasília. 2007
- SCHERER, K. R. Toward a Concept of “Modal Emotion”. In P. EKMAN, R. J. DAVIDSON (Eds). **The Nature of Emotion: Fundamental Questions**, Oxford: Oxford University Press. 1994, p. 25-31.
- SCHERER, K. R. Psychological Models of Emotions. In J. C. Borod (Ed). **The neuropsychology of emotion**, (pp 137-162). Oxford: Oxford University Press. 2000, p. 137-162
- SMITH, E. E.; & KOSSLYN, S. M. **Cognitive psychology: mind and brains**. Nova York: Pearson Education, 2009. 610 p.
- TOOBY, J., & COSMIDES, L. The evolutionary psychology of the emotions and their relationship to internal regulatory variables. In M. Lewis, J.M. Haviland-Jones, & L. Feldman BARRETT (Eds.), **Handbook of emotions**, 3^a ed. New York, NY: The Guilford Press. 2008, p. 114-137

WIERZBICKA, A. On emotions and on definitions: A response to IZARD. **Emotion Review**, n. 2, v. 4, p. 379-380. 2010.

WISEMAN, R. **The as if principle: The radically new approach to changing your life.** Nova York: Free Press. 2013, 304p.